

# A CLARIFICAÇÃO FENOMENOLÓGICA DE EDITH STEIN: ponte epistemológica entre a antropologia filosófica e a teologia simbólica

*THE EDITH STEIN'S PHENOMENOLOGICAL CLARIFICATION:  
epistemological bridge between philosophical anthropology and symbolic theology*

*Carlos Eduardo de C. Vargas<sup>(\*)</sup>*

## RESUMO

Partindo da obra *Ciência da Cruz* (*Kreuzeswissenschaft*), em que Edith Stein analisa fenomenologicamente os símbolos místicos da obra de São João da Cruz, este artigo pretende explicar em que consiste a metodologia da clarificação fenomenológica de Edith Stein como ponte epistemológica entre o simbolismo místico e as dimensões de natureza antropológica das manifestações religiosas na vivência da *ciência da cruz ou ciência dos santos*. Procura-se verificar qual é o alcance desta metodologia como uma aplicação da fenomenologia à descrição das estruturas eidéticas, operações e estruturas que, na alma, correspondem às vivências místicas simbolizadas por São João da Cruz. **PALAVRAS-CHAVE:** Edith Stein. Fenomenologia. Filosofia da Religião. Teologia Simbólica. Antropologia Filosófica.

## ABSTRACT

*Based on the book Science of the Cross (Kreuzeswissenschaft), in which the philosopher Edith Stein analyzes phenomenologically the mystical symbols of the work of St. John of the Cross, this article aims to explain what is the methodology of phenomenological clarification of Edith Stein as a epistemological bridge between the mystic symbolism and the dimensions of the anthropological nature of religious manifestations in the experience of science of the cross or the science of the saints, verifying what is the scope of this methodology as an application of phenomenology to the description of the eidetic structures and operations that correspond, in the soul, to the mystic experiences symbolized by St. John of the Cross.*

**KEYWORDS:** *Edith Stein. Phenomenology. Philosophy of Religion. Symbolic Theology. Philosophical Anthropology.*

---

<sup>(\*)</sup> Doutorando e Mestre em Filosofia pela PUC-PR. Membro da Comunidade Santa Teresa da Ordem Carmelita Descalça Secular (OCDS), foi professor em cursos das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba. E-mail: carlos.vargas@ibge.gov.br.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir da obra de São João da Cruz e tomando como referência elementos da fenomenologia e de sua teoria de *Ser finito e Ser Eterno* (*Endliches und ewiges Sein*), Edith Stein (1972), também conhecida como santa Teresa Benedita da Cruz, descreve a sua concepção de *ciência da cruz* na obra de mesmo nome (*Kreuzeswissenschaft*). Partindo da análise dos principais símbolos de São João da Cruz (1996), Edith Stein pretende mostrar os elementos característicos da vida e obra desse autor, mas também desenvolve elementos antropológicos próprios que superam, em alguns aspectos, a obra comentada. Além disso, sem explicitar, ela utiliza um método de análise dos símbolos místicos que é muito parecido com a clarificação fenomenológica que ela havia aprendido diretamente com o filósofo Edmund Husserl.

No conjunto da obra *Ciência da Cruz*, aparece indicada, no decorrer da interpretação dos símbolos utilizados por São João da Cruz, uma *ponte epistemológica* que faz relação entre a teologia simbólica, que é o ponto de partida, e a estrutura antropológica que se manifesta na medida em que se clarifica os símbolos joaninos. É possível reconhecer tal procedimento como uma metodologia válida e generalizável de interpretação dos símbolos místicos que descreva fenomenologicamente a estrutura da alma que busca unir-se a Cristo pela Cruz?

Em outras palavras: a clarificação fenomenológica de Edith Stein pode ser uma espécie de ponte metodológica entre a teologia simbólica e a antropologia da estrutura da alma que se manifesta na vivência da ciência da cruz? A partir desta pergunta principal sobre a metodologia de Edith Stein, considerando uma etapa inicial de estabelecimento da questão das relações entre fenomenologia e filosofia cristã na biografia de Edith Stein, a pesquisa poderia ser desenvolvida em duas direções: a) a aplicação da clarificação fenomenológica aplicada à interpretação dos símbolos místicos, especialmente a *cruz* e a *noite*; b) a descrição do alcance desta antropologia da estrutura e das operações da alma que aceita e passa pela crucifixão no sentido de São João da Cruz, considerando principalmente as noções de *eu, pessoa e liberdade*.

## 2 A PROBLEMÁTICA DA CIÊNCIA DA CRUZ A PARTIR ANÁLISE DOS SÍMBOLOS MÍSTICOS DE SÃO JOÃO DA CRUZ NA OBRA DE EDITH STEIN

Como foi lembrado em um artigo recente, a fenomenologia é uma das abordagens mais influentes entre os estudos acadêmicos sobre a religião, fundamentando-se em conceitos importantes da filosofia de Edmund Husserl. O aprofundamento das relações entre a metodologia fenomenológica e o simbolismo místico poderia ser generalizada para aplicações no pensamento filosófico cristão se fosse comprovada uma ponte metodológica entre antropologia e teologia mística por meio dos símbolos poéticos. Este seria o desenvolvimento teórico do conceito de *ciência da cruz*, a partir da expressão simbólica da *doutrina mística* de São João da Cruz, tal como se entende na interpretação de Edith Stein.

Para que a relação entre a fenomenologia e a ciência simbólica da cruz seja estabelecida, é preciso verificar a aplicação do método fenomenológico na descrição da ciência da cruz, que ocorre na obra com o mesmo nome, fazendo relações com conceitos fundamentais que aparecem na obra de Edmund Husserl, como *origem e essência*. Uma das primeiras aplicações dessa espécie de fenomenologia da mística seria a análise do fenômeno e do comportamento religioso carmelita em sua dimensão antropológica, em uma perspectiva filosófica com a preocupação específica de observar, descrever e sistematizar o campo simbólico que aparece na ciência da cruz conforme a abordagem teórica de Edith Stein.

No caso do símbolo específico da cruz, objeto da interpretação de Edith Stein na obra *Ciência da Cruz*, tateando este conhecimento a partir dos fundamentos místicos e simbólicos deixados por São João da Cruz, uma possibilidade teórica seria analisar como é esta descrição fenomenológica da origem do símbolo da cruz a partir da metodologia utilizada por Edith Stein para identificar a evidência inicial e os meios, especialmente lingüísticos, que permitiram que se percebesse o sentido dos objetos simbólicos pela primeira vez e que essa intuição dos objetos fosse retomada. Na clarificação epistemológica de Edith Stein, é possível identificar a relação entre a expressão simbólica da experiência mística e a compreensão antropológica da estrutura da alma.

Para que sejam abordados os aspectos da estrutura da essência da alma, conforme o pensamento de Edith Stein e de São João da Cruz, pode-se encon-

trar os subsídios na própria obra da santa carmelita descalça, como *Ser finito e Ser Eterno*, onde, em meio a considerações metafísicas fundamentais, aparecem referências a elementos antropológico que originam, no sentido fenomenológico, a perspectiva simbólica que expressa a maneira de experimentar a Deus e o universo conforme o simbolismo da ciência da cruz.

A problemática desse projeto de ciência da cruz, como estudo fenomenológico da origem dos símbolos místicos, gravita ao redor da noção de ciência da cruz de Edith Stein ou irmã Teresa Benedita da Cruz, chegando, em seguida, aos problemas de teologia simbólica, antropologia filosófica e clarificação fenomenológica, conferindo a relação entre estas áreas na elucidação dos símbolos místicos relacionados com a mística de São João da Cruz, que ela, como *carmelita descalça*, tem como *pai espiritual* (STEIN, 2004, p. 257).

### 3 O ITINERÁRIO DE EDITH STEIN DE BUSCA DA VERDADE COMO ETAPA DA CIÊNCIA DA CRUZ

Na *Ciência da cruz*, que começa como um projeto intelectual incentivado pela ordem carmelita, visando o quarto centenário de São João da Cruz, Edith Stein ou irmã Teresa Benedita da Cruz, baseia-se, em parte, na análise que já havia feito da empatia fenomenológica e na *teoria da interioridade* que já havia aparecido na obra *Ser finito e Ser Eterno*, a qual foi influenciada pela fenomenologia husserliana, mas também pela filosofia e mística medieval, apresentando uma filosofia sobre o sentido do ser e uma comparação entre pensamento tomístico e fenomenológico (ALES BELLO, 1998).

Nesta linha de pensamento, Stein (1972, 1983) viu a si mesmo como uma filósofa cristã que trabalhou em uma perspectiva conciliadora entre Husserl e São Tomás de Aquino, na medida em que ambos assumiam uma dimensão objetiva da verdade que existe independente do sujeito e é buscada pela filosofia e pela ciência por meio da intuição original de verdades essenciais.

O tema da interioridade, assumindo esses pressupostos epistemológicos, tomistas e fenomenológicos, foi, de alguma maneira, aprofundado em *Ciência da Cruz*, onde ela usa a doutrina de São João da Cruz como painel de fundo para apresentar a atitude daquele que, diante do sofrimento, muda o centro de gravidade do espírito, polarizando-se em torno ao ser supremo e sacrificando a vontade de protagonismo. Tal renúncia permite a ascensão dos seres finitos ao sentido pleno do ser, o que foi buscado por Edith Stein por

meio de uma rigorosa investigação filosófica, mas também foi auxiliado pela sua conversão ao cristianismo.

Na biografia de Edith Stein também se pode identificar que ela passou das reflexões de Husserl (1999b) sobre lógica e matemática para a fenomenologia, aumentando cada vez mais a importância das experiências religiosas e da transformação completas da alma na busca da verdade. Foi por esse caminho, o qual passou pela elucidação e clarificação dos temas relacionados com o simbolismo místico de São João da Cruz, que ela chegou a uma filosofia cada vez mais pessoal a partir da “grande verdade metafísica: a unidade entre conhecimento filosófico e a visão do mundo, de um lado; a unidade entre a doutrina e a vida, de outro (ou seja, a vida conforme a doutrina)” (LEUVEN ET GELBER, 2004, p. 258).

Desta forma, pode-se considerar que a conversão religiosa de Stein também foi possibilitada pela sua conversão filosófica à fenomenologia, como ela indica em uma carta a Arnold Metzger em 1919. Neste sentido, aparece a coerência de sua transição dos problemas estritamente filosóficos e fenomenológicos para a abertura ao *catecismo católico, ao missal romano, ao breviário litúrgico e à ação pastoral* como meios de contemplação do mistério. Stein foi atraída pela oração pessoal e contemplativa de tal maneira que recomendava a oração diária para compreender a vontade de Deus na vida e no mundo (STEIN, 1999b).

Inspirada em Santa Teresa de Jesus (1994), ela assume que as palavras da *Sagradas Escrituras* e os símbolos místicos são mais do que palavras para comunicar algo, pois são espécies de *moradas* em que deveríamos viver. É desse amadurecimento profundo que nasce sua convicção religiosa e o empenho de suas energias vitais na vida religiosa carmelita como uma opção para buscar a verdade plenamente. Em suas obras, Stein assume, em certos aspectos, a perspectiva carmelita que marcou a sua vida, chegando a usar a imagem *teresiana* do *castelo interior* e das *moradas* para tratar da alma. Se a oração nos coloca no centro da alma e em relação com Deus, neste movimento para a própria interioridade, a pessoa sai da superfície externa do mundo, o que colabora, inclusive, para atualizar as potências do espírito e do intelecto.

Pela experiência mística da cruz, a autora mudou inclusive sua perspectiva epistemológica, assumindo uma postura teocêntrica e considerando a experiência humana integral em todas as suas implicações. Isto não ocorreu por infidelidade à metodologia rigidamente filosófica de Husserl, mas por um movimento fenomenológico mais profundo que também visava *o retorno às*

*coisas mesmas*. Esse retorno, em Stein, é instalação pessoal, crente e amorosa, no *Ser Supremo*, o qual é princípio, fundamento e finalidade de toda realidade finita e de toda vida pessoal, especialmente da vida humana compreendida à luz da ciência da cruz. Esta trata principalmente da “elevação da alma a Deus pela cruz da noite passiva e ativa, e união matrimonial com Deus” (LEUVEN ET GELBER, 2004, p. 258):

*Quando falamos em ciência da cruz, devemos entender que não se trata de uma ciência no sentido comum da palavra, nem somente de uma teoria, ou de um simples sistema de asserções verdadeiras. Tampouco de um sistema formal, fruto do pensamento lógico. Ela é, isto sim, uma verdade já aceita, uma teologia da cruz: verdade viva, real e eficaz, comparável a uma semente que, quando lançada na alma, deita raízes, dando-lhe características especiais e determinando-lhe a conduta. Ela brilha e transparece nas atitudes. É nesse sentido em que se fala em ciência dos santos e que falamos em ciência da cruz. É das características e energias vitais, latentes nas profundezas da alma, que nascem a concepção da vida e a perspectiva em que são encarados Deus e o universo: podendo dessa maneira ser caracterizadas e sintetizadas numa teoria. Assim é que a doutrina de nosso Pai são João deve ser considerada (STEIN, 2004, p. 11-12).*

É para completar o itinerário de busca da verdade, incluindo os dados da realidade que se apresentam nas experiências místicas relacionadas com o símbolo da cruz, que ela abriu a *porta epistemológica* da clarificação fenomenológica de aspectos simbólicos e antropológicos da experiência mística a partir da obra de são João da Cruz.

#### 4 O PAPEL DA FENOMENOLOGIA NA CIÊNCIA DA CRUZ DE EDITH STEIN

Na fenomenologia de Edith Stein, parte-se do sentido das palavras, separando cuidadosamente os diversos significados que se usam na linguagem ordinária e técnica, até penetrar nas coisas mesmas a fim de expor um sentido mais preciso para aquelas palavras iniciais. É preciso que as *coisas mesmas* designadas pelas palavras e símbolos sejam apresentadas ao sujeito de forma clara e intuitiva. Essa “*coisa*” que se alcança na análise fenomenológica propriamente dita não é a coisa concreta, nem é a cruz concreta, mas é algo universal, pois é a ideia ou a essência das coisas. Tal essência não é percebida pela experiência sensível, mas é intuída por meio de um ato intelectual específico: a intuição eidética.

A fenomenologia não propõe um sistema de proposições, mas um “*olho fenomenológico*” com algumas exigências: ausência de preconceitos que impe-

çam a visão espontânea da realidade, atenção ao que se apresenta originariamente na percepção, direcionamento ao essencial para precisar rigorosamente seu sentido e alcance, superando a concepção ingênua do mundo.

Assim como há distintos modos de realidade ao redor do ser humano, é preciso ter modos distintos de ver, pois as diferentes formas das coisas se apresentarem exigem diferentes atitudes do sujeito cognoscente. A realidade religiosa também se apresenta ao olhar interior do ser humano e se ilumina quando o afã de saber se alia com a decisão de comprometer-se com os aspectos mais profundos do próprio ser.

Uma das questões relevantes de Stein é precisar o modo possível de união entre o ser finito e o ser infinito, como já se percebe nas análises de *Ser finito e Ser Eterno*. Pela fenomenologia, não se busca, por exemplo, a prova da existência de Deus, mas a compreensão daquilo que se manifesta ao crente no encontro com a divindade. Aplicadas aos símbolos místicos joaninos, na perspectiva de Edith Stein, a fenomenologia é entendida como o estudo das condições de possibilidade da ciência da cruz, incluindo seus símbolos fundamentais.

A análise fenomenológica não exclui a relação da consciência com o divino, pois a fenomenologia do símbolo místico estuda a consciência e seus fatores constitucionais na maneira religiosa. Tal fenomenologia da religião volta-se para a vida interior do místico que se deixa amoldar pelo símbolo da cruz. E as análises fenomenológicas incluiriam, assim, a atividade da oração, que é entendida como uma forma de intencionalidade na medida em que é, essencialmente, um ato de interioridade na relação empática entre a consciência humana e Deus. Nesta perspectiva, a análise fenomenológica mostra-se um meio de clarificar o simbolismo a experiência mística, assim como a estrutura da alma correspondente.

#### 4.1 SOBRE A APLICAÇÃO DA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA NA CIÊNCIA DA CRUZ

A fenomenologia trata a questão da origem do conhecimento na subjetividade da consciência que percebe as evidências das intuições dos dados autênticos e simbólicos, sejam da simbologia mística ou de qualquer área do conhecimento. A fenomenologia estuda como os objetos de conhecimento do místico aparecem na consciência, procurando explicar um conceito por meio da referência às operações mentais supostamente envolvidas na sua origem.

Na agenda da fenomenologia aparecem as investigações sobre análises das estruturas essenciais da consciência em termos de atos intencionais, in-

cluindo seus conteúdos e objetos. A fenomenologia pode começar a ciência da cruz analisando os fundamentos da simbologia mística, passando, depois, gradualmente, para as estruturas *a priori* da consciência em geral que formam a estrutura que torna o conhecimento possível.

Na busca da clarificação, a ciência da cruz utilizará os recursos fenomenológicos buscando a origem do conceito primitivo em sua evidência original percebida pela consciência. As condições de uma teoria podem ser objetivas ou noéticas, a qual também é uma condição ideal, mas fundada a partir da subjetividade e voltada para o estudo da evidência, como concordância entre o sentido do enunciado e o objeto que se intenciona, sendo que este acordo é a verdade. E não é a psicologia que estuda a possibilidade de um conhecimento evidente do ponto de vista objetivo e ideal da teoria do conhecimento e da ciência em geral (HUSSERL, 1999a).

O estudo filosófico da ciência da cruz, na perspectiva de Edith Stein, é clarificação (*Aufklärung*), isto é, estudo das condições de possibilidade de uma teoria mística em geral, incluindo seus conceitos fundamentais, suas formas conectivas elementares e as leis de implicações lógicas. Assim, a ciência da cruz não faria um sistema lógico como as disciplinas matemáticas, mas faria o esclarecimento das estruturas que tornam possíveis o conhecimento dos fenômenos místicos. O fenomenólogo busca a fundamentação que estava latente durante a experiência do poeta ou do místico, buscando a fonte fenomenológica. Neste trabalho, não interessará o juízo psicológico concreto, mas o juízo lógico como relação com o objeto intencionado, naqueles seus aspectos essenciais que permanecem idênticos, independente dos atos psicológicos.

Desenvolvendo a clarificação fenomenológica do simbolismo místico de São João da Cruz, Edith Stein continua a disciplina fenomenológica de Edmund Husserl como filosofia da consciência ou fenomenologia, que não se estuda pelos métodos psicológicos propriamente ditos, mas pela fenomenologia dos conteúdos da consciência, buscando suas eidecidades (ou conteúdos relativos às essências eidéticas) e suas veracidades.

Essa estrutura de um objeto simbólico qualquer, decorrente dos invariantes daquilo que foi percebido na consciência, é chamada de essência ou *eidos*. Neste sentido, pode-se falar em *ideação*, como a visão ou intuição da *essência originalmente doadora*, que ocorre, no exemplo clássico, dado por Husserl, quando percebe-se que um som é um som, sendo diferente de uma cor. Neste caso, percebi características essenciais em um som que não aparecem na

cor, ainda que não consiga descrever tal diferença lingüisticamente. Da mesma forma, Quando há um enunciado considerado correto sobre a experiência mística, a isso corresponde alguma intuição, isto é, algum ato que atesta a sua legitimidade. Esse ato é a *intuição doadora original* e, por seu meio, dou um sentido aos símbolos ou fatos que me levaram a percebê-lo.

A *visão* ou intuição de uma essência corresponde àquilo que faz com que algo seja o que é, como é expresso no seu conceito, assim como a *intuição empírica* ou intuição de fatos, isto é, o ato que corresponde aos objetos individuais, isto é, aos objetos existentes no espaço e no tempo, com uma forma física e suas contingências. Por exemplo: ao escrever um número em um papel branco, este poderá amarelar com o tempo, terá que ficar em algum lugar (espacial), mas ao intuir a essência do símbolo da *cruz* ou da *noite escura*, apreende-se uma *generalidade eidética*, isto é, um conjunto de características que são necessárias, inclusive quando alguém estiver sofrendo, de fato, as consequências da vivência da cruz.

No estudo fenomenológico, é preciso tornar eideticamente evidente os dados que se pretende usar relativos ao objeto de estudo presente no fluxo da experiência vivida da própria consciência, isto é, em termos de pura imanência<sup>1</sup>. A descrição fenomenológica é *pura* no sentido de que procurar respeitar e *salvar os fenômenos*, para que se preserve aquilo que se pretende compreender nas suas implicações e significações, assim como nas intenções sedimentadas e nos horizontes que possibilitaram a percepção. A proposta é que a investigação fenomenológica se volte à *região de vividos puros*, por serem imediatamente dados, desprezando preconceitos, conforme a meta da ciência autêntica, isto é, da ciência baseada nos dados intuídos com evidência. Desta maneira, voltamo-nos para a esfera fenomenológica, atendo-nos às suas premissas, evitando confundir as áreas, o que seria uma espécie de *metábasis*, termo grego que Husserl utiliza para descrever a utilização inadequada do método de uma ciência na outra. A fenomenologia assume essa *pureza metodológica ao colocar em parênteses* os dados das regiões eidéticas particulares que foram deixadas *fora de circuito*, como uma

<sup>1</sup> Há um problema lingüístico quando se refere à consciência, quando aparecem expressões sobre algo que é *evidente para nós na própria consciência* (HUSSERL, 2006, p. 136) ou *na consciência* (HUSSERL, 2006, p. 139), uma vez que a consciência não é um lugar ou um receptáculo. Nesse sentido, HUSSERL (2006) refere-se à consciência como *fluxo da consciência* ou esta *consciência flutuante*. Entretanto, até mesmo por motivos didáticos ou para se fazer entender melhor, é quase inevitável usar alguma analogia como faz ALLES BELLO (2006) ao comparar a consciência com um *ponto de convergência das operações humanas* (ALLES BELLO, 2006, p. 45). E não é pelo uso destas expressões que alguém pensará que a consciência é um corpo (isto é, algo que ocupe lugar no espaço, como o cérebro) ou um lugar específico (ainda que fosse de caráter psíquico).

medida para eliminação dos preconceitos do estudo em questão. A pureza metodológica significaria, assim, abstenção de preconceitos (HUSSERL, 2006).

A característica de pura descrição é fundamental na fenomenologia. Por isso, as comprovações fenomenológicas ocorrem no âmbito da *epoché*<sup>2</sup> filosófica, isto é, abstando-se de julgar acerca dos conteúdos doutrinários das ciências e filosofias previamente dados. Mesmo quando algum conteúdo simbólico é citado no estudo fenomenológico, o que é inevitável, isto ocorre com a intenção de levar à descrição eidética e não para deduzir conclusões diretamente delas, o que é fundamento na teoria da abstração de Husserl (1999b).

As descrições fenomenológicas de essências não precisam referir-se a fatos espaciais e temporais, mas a intuições de características que são válidas para uma generalidade de objetos. Se, na concepção de ciência *husserliana*, o valor da ciência depende em última análise da evidência objetiva, no estudo fenomenológico da ciência da cruz deve-se começar pelo fenômeno tal e qual aparece à consciência e passar-se para a busca da *origem* de essências objetivas, estudando as condições ideais que permitem o estudo da lógica pura ou suas condições noéticas<sup>3</sup>:

*Por condições subjetivas da possibilidade não entendemos as condições reais que radicam no sujeito individual do juízo ou na espécie variável de todos os seres capazes de julgar (por exemplo: a espécie humana), mas as condições ideais que radicam na forma da subjetividade em geral e na relação desta com o conhecimento. Para distinguir estas das outras, chamaremos a estas últimas de condições noéticas<sup>4</sup> (HUSSERL, 1922, p. 111).*

Entretanto, o estudo das condições objetivas ideais possui certa autonomia em relação às investigações noéticas citadas acima. Por outro lado, os problemas críticos “prévios” ao estudo da ciência da cruz não devem bloquear indevidamente o avanço das pesquisas, por excesso de ênfase nos problemas

---

<sup>2</sup> Termo filosófico grego que significa suspensão do juízo. Foi utilizado pelos primeiros filósofos cétricos da Grécia Antiga. Ganhou um sentido especial na filosofia fenomenológica de Husserl, uma vez que é uma noção fundamental para essa operação inicial de purificar a percepção antes da descrição eidética buscada.

<sup>3</sup> Como a fenomenologia faz, por exemplo, ao investigar “como a subjetividade pode ter acesso à transcendência e como o objeto transcendente pode ser dado com evidência” (MOURA, 1989, p. 68). Ou como se faz em uma pesquisa “sobre a ‘origem’ dos objetos na subjetividade” (MOURA, 1989, p. 68).

<sup>4</sup> No original: “Daß unter subjektiven Bedingungen der Möglichkeit hier nicht etwa zu verstehen sind reale Bedingungen, die im einzelnen Urteilssubjekt oder in der wechselnden Spezies urteilender Wesen (z. B. der menschlichen) wurzeln, sondern ideale Bedingungen, die in der Form der Subjektivität überhaupt und in deren Beziehung zur Erkenntnis wurzeln. Zur Unterscheidung wollen wir von ihnen als von noetischen Bedingungen sprechen”.

preliminares. O mais exato, evitando a atitude ingênua criticada por Husserl (2009), seria afirmar que existe um ramo da fenomenologia que é a *fenomenologia crítica*, isto é, a parte de cada uma dessas ciências que aborde os problemas que se apresentam ao investigador no estabelecimento das suas condições de possibilidade.

## 5 O PONTO DE PARTIDA DA CIÊNCIA DA CRUZ NA OBRA DE SÃO JOÃO DA CRUZ

A fenomenologia da mística carmelita, na abordagem de Edith Stein, apresenta contribuições importantes para a compreensão da experiência cristã. No seu livro sobre o “divino” em Husserl, a professora Angela Ales Bello (2009, p. 119) dedica uma atenção especial à mística cristã, que ela prefere explicar a partir dos elementos carmelitas e, mais especificamente, daquilo que foi pesquisado por Edith Stein: “esta fenomenóloga alemã dedicou algumas de suas importantes reflexões ao misticismo carmelita. Ela estava tão interessada que decidiu ingressar e tornar-se parte do mosteiro carmelita de Colônia como uma irmã de clausura”<sup>5</sup>.

Edith Stein, como irmã carmelita, assumiu o nome Teresa Benedita da Cruz e teve oportunidade de fazer seu estudo sobre São João da Cruz quando se aproximava a comemoração dos 400 anos do nascimento do primeiro frei carmelita descalço. Ao considerar a teologia simbólica de *seu pai*, como ela mesma se refere a São João da Cruz, Edith Stein parte do pressuposto da grande semelhança entre os símbolos da noite e da cruz. Apesar deste receber bastante ênfase no pensamento de São João da Cruz (1996), aquele é que predomina nos poemas e tratados, especialmente em *Subida do Monte Carmelo* e *Noite Escura*. Poderia-se acrescentar a importância do tema da *esposa*, que aparece especialmente no *Cântico espiritual*.

A caracterização da vida e doutrina de São João da Cruz como *ciência da cruz* é muito importante para o pensamento de Edith Stein, tendo merecido valiosas análises dos sentidos simbólicos da noite e da cruz: “por esta razão, parece-nos conveniente examinar em profundidade a relação entre a cruz e a noite, a fim de obtermos a compreensão exata da importância da cruz da dou-

<sup>5</sup> No original: “this german phenomenologist dedicated certain of her important reflections to Carmelite mysticism. She was so interested that she decided to enter and become part of the Carmelite monastery of Cologne as a cloistered nun”.

trina de são João” (STEIN, 2004, p. 40). Nesta linha de pensamento, ela associa a *noite ativa* com a aceitação e tomada da cruz sobre si, enquanto a *noite passiva* será relacionada com a crucifixão como morte para o pecado. Aceitar a cruz é uma experiência exigente e complexa em termos antropológicos:

*Se [o santo] quiser partilhar com ele [Cristo] da vida, com ele deverá passar pela morte de cruz, e deverá passar pela morte de cruz, e deverá, como Cristo, crucificar a sua própria natureza por uma vida de mortificação e renúncia, entregando-se à crucifixão pelos sofrimentos e pela morte, conforme Deus determinar e permitir. Quanto mais perfeita for a crucifixão ativa e passiva, tanto mais íntima será a união com o crucificado, e tanto maior será a participação na vida divina. Eis os traços principais que caracterizam a ciência da cruz; sempre o reencontraremos ao penetrar a doutrina de são João e ao acompanhá-lo ao longo de sua vida. Haveremos de mostrar que foram essas forças dinâmicas que plasmaram profundamente sua vida e sua obra (STEIN, 2004, p. 35).*

O ponto de partida da análise de Stein é a linguagem poética e os símbolos usados por São João da Cruz. Os símbolos mostram algo da experiência mística, mas também ocultam. A experiência do santo é tão pessoal que chega a ser inefável em alguns aspectos. De onde decorre a importância da linguagem poética dos símbolos, os quais são necessários, mas equívocos, dada a própria relação entre exterioridade e interioridade no ser humano. Este *silêncio dialogado* da oração, abate as pretensões autárquicas do ser humano e faz iluminar a interioridade conforme as fontes sagradas que dão um sentido último para a sua vida. A oração, mediante o símbolo, é um nexos entre obscuridade e iluminação: “a corrente que desta fonte vem, é forte e poderosa, eu sei-o bem, mesmo de noite” (JOÃO DA CRUZ, 1996, p. 44).

## 5.1 A APLICAÇÃO DA FENOMENOLOGIA NA ANÁLISE DOS SÍMBOLOS MÍSTICOS DE SÃO JOÃO DA CRUZ

Edith Stein utiliza o método fenomenológico no conjunto de sua obra sobre a ciência da cruz, pois é um instrumental que está incorporado em sua personalidade intelectual, mas ela faz uso da fenomenologia especialmente quando passa para a descrição das experiências vividas, o que é típico da fenomenologia. Na ciência da cruz, interessa as experiências do estado místico, incluindo dimensões intelectuais, voluntárias e afetivas. Isto justifica-se porque a interioridade, onde o místico busca a Deus, é o terreno privilegiado da investigação fenomenológica proposta. Seguindo esta metodologia, Stein interpreta

São João da Cruz, acompanhando-o em suas experiências interiores sem impor preconceitos intelectuais. O objetivo do tratado é a análise da própria experiência mística referente à ciência da cruz, na qual:

*Quando de fato se crê, as verdades da Fé e as obras maravilhosas de Deus tornam-se conteúdo da vida, a ponto de as demais coisas perderem a importância ou receberem também a marca desse conteúdo. É a isto que chamamos 'objetividade dos santos', expressão que designa a receptividade interna e primária da alma, renascida pelo Espírito Santo. Tudo quanto se aproxima dessa alma será captado, com profunda sensibilidade. Nela existe uma energia livre, por um lado, de falsas inibições e empecilhos, e dotada, por outro, de sutileza, vitalidade e impressionabilidades suficientes para lhe permitirem ser fácil e prazerosamente plasmada e dirigida por aquilo que acolher. As energias da alma, ao se aproximarem nessas condições das verdades da Fé, chegam à ciência dos santos. E o mistério da cruz, ao tornar-se forma interior, converte-se em ciência da cruz (STEIN, 2004, p. 12-13).*

Na apreciação do sujeito que experimenta o símbolo místico da cruz, Stein também considera, além da *objetividade dos santos*, a *objetividade da criança*, como recepção vigorosa e espontânea da mensagem simbólica, e a *objetividade de artista*, que concebe uma forma interior ao símbolo conforme uma determinada categoria valorativa. Assim, ao analisar fenomenologicamente as condições interiores que permitiram que São João da Cruz deixasse moldar sua vida como um todo de acordo com o símbolo da cruz, irmã Teresa Benedita da Cruz aproxima-se da teologia simbólica. O tema do estudo não é Deus propriamente dito, mas a criação, entendida como símbolo em que Deus se revela e se oculta simultaneamente. Sem fazer uma ciência sistemática, no sentido estrito, Edith Stein direciona-se para a teologia mística, sendo que as palavras sobre a ciência da cruz e seu simbolismo procedem melhor de um ser que teve determinadas experiências místicas.

Ao elucidar temas da teologia simbólica, como a noite expressa a experiência de Deus e a cruz que expressa a imitação de Cristo, Stein assume um sentido fortemente místico de símbolo, pressupondo que “algo da plenitude do sentido das coisas penetra a mente humana e é captado e apresentado de tal maneira que a plenitude do sentido... seja misteriosamente insinuada” (STEIN, 2004, p. 14). Desta forma, o símbolo é revelação de algo sagrado que, manifestando-se como algo exterior, ao ser interiorizado, passa a ser estímulo para uma transformação da própria alma, para que esta amolde-se aos conteúdos das verdades da Fé. Também se fala em ciência da cruz como referência ao sofrimento que caracteriza a transformação da alma neste processo de santificação.

Na relação entre o símbolo místico da cruz e a alma que o recebe com *objetividade própria* de santo, criança ou artista, a exemplo de São João da Cruz, surge a necessidade de descrever a estrutura da alma que possibilita essa conformação própria da ciência da cruz, a qual é a ciência dos santos. Entre os três capítulos da obra *Ciência da Cruz*, sendo o último um fragmento interrompido pela morte da autora no campo de concentração, é especialmente no segundo que aparece um pensamento próprio de Stein como uma filosofia da pessoa humana, coerente com a sua metodologia fenomenológica e com a teoria da interioridade manifestada na obra *Ser finito e Ser Eterno*.

E com o tema da relação entre o pensamento sobre a interioridade, por um lado, e a compreensão da oração e do itinerário místico, conforme a concepção de São João da Cruz, por outro, aparecem as leis fundamentais do ser espiritual e coloca-se o problema sobre a estrutura da alma como o *eu, liberdade, espírito, pessoa e crente*. Edith Stein apresenta uma nova concepção de pessoa como ser espiritual, a qual é capaz, paradoxalmente, de dar de si sem se perder, recolher-se sem se recluir e ser autônomo ao arriscar-se nesta relação de empatia, entregando-se a Deus que não quer rival (STEIN, 1985). A partir de certo ponto, neste aprofundamento da análise, Stein percebe que, em certo sentido, ultrapassa a descrição antropológica de *seu pai*, São João da Cruz:

*O que ficou dito sobre a estrutura da essência da alma, principalmente no tocante à relação entre a liberdade e o íntimo, não é de autoria de São João da Cruz. É, pois, necessário, verificar se isso está de acordo com a sua doutrina e se é útil para melhor realçá-la. [...] À primeira vista, parece-nos que algumas das idéias (sic) expostas são inconciliáveis com certas afirmações do Santo... (STEIN, 2004, p. 135-6).*

Nos seus estudos sobre empatia, Edith Stein (1985) já havia mostrado que para transitar ao outro a partir de si mesmo é preciso expor o conteúdo de si mesmo em que se apóia o eu. Neste, há uma peculiar especificação essencial correspondente à singularidade do eu. Pelos estudos de Stein sobre a estrutura formal da pessoa, a unidade do eu, consciente de si mesmo, leva a considerar a essência da pessoa como o mais próprio, atribuindo ao outro, empaticamente, unicidade e originalidade, como ela mesmo fez em relação a seu pai espiritual, São João da Cruz, na medida em que parece tentar sentir o que ele sente, introduzindo em si a atitude pessoal do outro (STEIN, 1999).

Descrevendo a estrutura antropológica do santo que abraça a cruz de Cristo, a clarificação fenomenológica, no sentido atribuído por Edith Stein, isto é, enriquecida por elementos de origem cristã, prestaria sua ajuda à teolo-

gia simbólica, a qual possui, em São João da Cruz, sua *origem na experiência vivida*, como uma “ramificação frondosa de uma árvore, cujas raízes estão firmadas no âmago da alma do Santo, cuja seiva é sangue de seu coração e cujos frutos encontramos em sua vida” (STEIN, 2004, p. 221).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva do desenvolvimento teórico da ciência da cruz, como um instrumental de interpretação fenomenológica dos símbolos místicos, a partir da obra *Ciência da Cruz*, de Edith Stein, manifestam-se muitos desafios que poderão motivar futuras pesquisas. No estudo da ciência da cruz, pode-se assumir diversas perspectivas, desde temas secundários e auxiliares como desenvolvimentos de aspectos biográficos de Edith Stein especificamente interessantes, a fim de situar sua obra no “tempo e no espaço” e no contexto da própria história do movimento fenomenológico do século XX, investigando a repercussão causada pela obra de Edith Stein até os nossos dias.

É importante ressaltar que o simbolismo de São João da Cruz seria um objeto de interesse especial para as pesquisas sobre a ciência da cruz, uma vez que Edith Stein partiu da análise da obra dele na medida em que ele conseguiu expressar tantos aspectos da vivência do mistério da “cruz” e da “noite escura”, embora seja desejável aprofundar os estudos para outros poetas, artistas e santos que expressaram aspectos relevantes do objeto desse projeto de ciência fenomenológica.

Considerando que São João da Cruz e a irmã Teresa Benedita da Cruz foram carmelitas descalços, seria interessante estudar também a obra da fundadora desta congregação religiosa católica, santa Teresa de Jesus, também conhecida como Teresa de Ávila. Esta monja, que recebeu, do Papa Paulo VI, o título de *Doutora da Igreja*, foi autora de livros, cartas e poemas que se relacionam com sua profunda experiência mística amplamente reconhecida. Nesta perspectiva, pode-se indicar possibilidades de estudos simbólicos comparados por meio da fenomenologia dos símbolos místicos de outras carmelitas, para verificar esta antropologia filosófica de Edith Stein a partir de outros símbolos.

Por outro lado, no aprofundamento epistemológico da ciência da cruz, a partir da clarificação fenomenológica, pode-se pesquisar, em paralelo com a análise simbólica que Edith Stein faz de São João da Cruz, os desdobramentos em termos de metodologia filosófica de descrição das condições antropológi-

cas em que se realiza a intuição da essência dos símbolos, ampliando a perspectiva de estudo para os fenômenos místicos manifestados nas diversas culturas e religiões, fundamentando, analisando e desenvolvendo fenomenologicamente alguns conceitos de Edith Stein relacionados com a sua psicologia e antropologia, como empatia, eu, liberdade e pessoa.

## REFERÊNCIAS

ALES BELLO, Angela. Edith Stein (1891-1942): Filosofia e Cristianismo. In: PENZO, Giorgio et GIBELLINI, Rosino (org.). *Deus na filosofia do século XX*. Trad. de Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998. p. 313-322.

\_\_\_\_\_. *The Divine in Husserl and Other Explorations*. Trad. de Antonio Calcagno. Dordrecht: Springer, 2009.

\_\_\_\_\_. *Introdução à fenomenologia*. Trad. de Jacinta T. Garcia et Miguel Mahfoud. Bauru: Edusc, 2006.

EKEKE, Emeka C. et EKEOPARA, Chike. Phenomenological Approach to the Study of Religion: A Historical Perspective. *European Journal of Scientific Research*, Victoria, Vol.44, n.2, 2010, pp.266-274. Disponível em: <[http://www.eurojournals.com/ejsr\\_44\\_2\\_09.pdf](http://www.eurojournals.com/ejsr_44_2_09.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2011.

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen: Erster Band*, Halle a.S: Max Neimeyer., 1922.

\_\_\_\_\_. *Investigaciones Lógicas 1*. Trad. de M.G. Morente et J. Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Investigaciones Lógicas 2*, Trad. de M.G. Morente et J. Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999b.

\_\_\_\_\_. *A ingenuidade da ciência*. Trad. de Marcella M. M. Silva. Scientiae studia, São Paulo, v. 7, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v7n4/a08v7n4.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

JOÃO DA CRUZ, São. *Obras completas*. Trad. das Carmelitas descalças de Fátima, carmelitas descalças do convento de Santa Teresa *et alli*. Petrópolis: Vozes: Carmelo Descalço do Brasil, 1996.

LEUVEN, Romeu et GELBER, L. Posfácio. In: STEIN, Edith. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. de Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 257-8.

MOURA, Carlos A. *Críticas da Razão na Fenomenologia*. São Paulo: Nova Stella: Edusp, 1989. 260p.

STEIN, Edith. *L'Être fini et l'Être éternel: essai d'une atteinte du sens de l'être*. Trad. de G. Casella et F. A. Viallet. Louvain: Paris: Nawelaerts: Béatrice- Nawelaerts, 1972.

\_\_\_\_\_. La fenomenologia di Husserl e la filosofia di San Tommaso D'Aquino. In: STEIN, Edith. *Vie della conoscenza di Dio e altri scritti*. Trad. de Carla Bettinelli. Pref.: Sofia V. Rovighi. Roma: Messaggero Padova, 1983, p. 79-105.

\_\_\_\_\_. *Il problema dell'empatia*. Trad. de Elio Constantini et Erika S. Constantini. Roma: Studium, 1985.

\_\_\_\_\_. *Natura, Persona, Mistica: per una ricerca cristiana della verità*. Trad. de Michele D'Ambra. 2. ed. Roma: Città Nuova, 1999.

\_\_\_\_\_. *A oração da Igreja*. Trad.: José A. Pedra. Curitiba: s. ed., 1999b.

\_\_\_\_\_. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. de Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

TERESA DE JESUS, Santa. *Obras completas: edicion manual*. Trad. e pref. de Efrén de la M. Dios et Otger Steggink. 4. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1974.

*Recebido em 16/05/2012*

*Aceito em 31/08/2012*